

a traição dos intelectuais

La trahison des clercs é o conhecido título de um livro de Julien Benda, publicado em França, com grande escândalo, por volta de 1927. É o que Julien Benda entende por traição dos intelectuais— todos mais ou menos o sabem. Benda considera uma traição ao seu verdadeiro dever o facto de muitos intelectuais europeus porarem os valores intemporais da cultura ao serviço das realidades concretas da política. Tese muito discutida, esta de Benda, não nos propomos considerá-la aqui detidamente, uma vez que para nós a expressão «traição dos intelectuais» tem um sentido totalmente diverso. Para nós, o dever dos intelectuais é defender o bloco Homem-Cultura, pondo a sua pena, como uma arma, ao serviço dessa defeza. Portanto, o dever dos intelectuais consiste em praticarem o humanismo, defendendo os direitos do homem total (não apenas os direitos do homem cidadão de 1789), e defendendo a cultura como o mais elevado complemento do homem. Note-se que com a simples afirmação de que a cultura é um «complemento» do homem, já dizemos que o homem importa mais do que a cultura.

Posta a questão neste pé, toda a traição dos intelectuais vem a cifrar-se num desvio deste cânon de acção. Logo, traição dos intelectuais quer dizer: submissão do homem à cultura, abandono do homem e sobre-estimação da cultura, renúncia à acção humanista em benefício da «torre de marfim», desinteresse pela Vida, etc. E' contra esta traição dos intelectuais que nos levantamos; é contra este des-humanismo de raiz egoísta que protestamos enérgicamente. Traição dos intelectuais, pois, não é mais do que traição à Vida, em quem devia mais que ninguém amar a Vida; traição dos intelectuais quer dizer fuga, evasão da realidade social dos homens como animais políticos, a pretexto de que a política (como se de política somente se tratasse!) é uma actividade inferior; traição dos intelectuais é traição da inteligência criadora e crítica a si mesma, por uma consciente amputação do que há de verdadeiramente humano no homem— a sua existência social!

...Como Julien Benda viu mal o seu problema... Como *La trahison des clercs* é um livro envelhecido, na parte em que convida os intelectuais a prégarem de longe, sem descerem à liça, as verdades intemporais...

A. T.

doze

C R I T I C A

"Huasipungo" e "Nas ruas"

(Continuação da página anterior)

ção, *Huasipungo* tem um espírito cinematográfico semelhante a *Os de baixo*, do mexicano Azuela. Pela força de expressão iguala *La Noragine*, do colombiano Eustasio Rivera. Mas ele tem uma plasticidade, uma cor local bem sua. Como tendência e como conteúdo *Huasipungo* é um livro único. A tragédia do Indiano do Equador que apresenta muitas semelhanças com as do boliviano e do peruano é tratada pela primeira vez na América hispânica como uma realidade artística em relação com a realidade social. *Raça de bronze*, do boliviano Arguedes, é a visão indígena dum burguês sentimental. Jorge Icaza coloca-se diante do Indiano, para além do sentimentalismo. Sabe que a justiça dá a cada um o que é seu, e como o sentimentalismo deforma a percepção objectiva dos factos, todas as obras literárias escritas até aqui sobre o problema indígena deformaram o panorama vital da raça oprimida. Jorge Icaza não está ao serviço de nenhum preconceito. Quando lemos *Huasipungo* sobe-nos a vermelhidão às faces; é a vergonha daqueles que não tinham ainda consciência deste crime que se desenrola cada dia diante da indiferença dos homens, sem que eles tenham coragem para protestar diante desta injustiça nem para estender uma mão fraterna ao eterno espoliado.

O Indiano é portanto tal como o vemos em *Huasipungo*. Aquele que se assusta com a sua crueza e a sua ignorância, que não é capaz de ir até ele para trepar com ele o caminho da emancipação não deve falar da regeneração do Indiano. Aquele que procura amores idílicos, indianas apaixonadas até à morte pelo seu dono branco; brancos que vivem como Romeus dos pampas, não devem ler *Huasipungo*. O realismo deste romance não se adapta às suas melancolias burguesas. A vida do Indiano é demasiado dura para se atravancar de sentimentalismo. As suas paixões são abafadas pelo trabalho

esgotante e eles não exteriorizam senão as mais animais. Estamos já nos tempos de *Cumanda*; estamos numa época de realismo vital. Moral ou imoral? Que tem a moral a ver com a arte? Se a literatura, como a arte, ocupa um lugar abstracto para lá da moral, como o querem os idealistas, e se ela é uma realidade de interpretação social, há então tantas morais quantas interpretações existem da vida. O realismo de *Huasipungo* é um realismo vital, e o Indiano é exactamente como aparece no romance.

A vida primitiva, instintiva do Indiano, com as suas reacções rudimentares, instintivas, são fielmente interpretadas em *Huasipungo*. Mas Jorge Icaza foi o primeiro a não estar satisfeito com o seu livro. Foi por isso que quis ultrapassar-se na sua última obra. O seu romance *Nas ruas* é de tendência realista. Encontram-se nele influências psico-analíticas. Este segundo aspecto é menos importante e aparece unicamente como uma interpretação de certos tipos humanos mas ele é de tendência realista na sua essência. O que em *Huasipungo* não era senão revolta do instinto marca *Nas ruas* a estrada do processo emancipador. Dos campos passa para a cidade. Ensopado de misérias, o *chagra*, o Indiano não podendo resistir às vexações de todos os dias, à fome, à sede, aos piochos, à pena do chicote, abandona os campos para se incorporar na miséria da cidade. A exploração é a mesma mas essa colmeia humana tem lugar para a fraternidade. A miséria do homem comunica-se ao homem, ao irmão explorado e pouco a pouco aparece um sentimento de solidariedade.

... ..
A luta entre os dois mundos dá ao romance um relêvo de epopeia.

... ..
Nas ruas é um grande romance americano.

... ..
De Quito, cume dos Andes tropicais, Jorge Icaza envia às Américas em mensagem emocionante, esta soma artis-

tica e social. Lede-o com amor, interpreta-o com o vosso coração e a vossa razão. A América Indo-hispânica tem enfim o seu grande romance. Um romance esgotante, torturante, dum realismo vital que ultrapassa a possibilidade de toda a imaginação precisamente pela simplicidade da sua representação literária.

FERRANDIZ ALBORZ

(1) *Huasipungo*, de huasi, casa, pungo, porta. Parcela de terra na qual o Indiano eleva a sua cabana rodeada de pequenas plantações concedidas pelo proprietário. *Huasipungo* foi traduzido em francês por Georges Pillement sob o título: *La Ferme aux Indiens*. (E. S. L. 1838).

"Mónica"

(Continuação da página dez)

do livro aparece-nos por vezes o Aquilino dos melhores momentos, como nas descrições da quinta, e nas da paisagem lisboeta, a-pesar-de aquele impertinente e repetido *tropos-galhosos*. Mas tão ingrato é o assunto que, até para que possa brilhar o seu talento de grande paisagista que foi sempre, o autor de *Mónica* encontra fracos ensejos como aquele em que Ricardo Tavarade, desolado do abandono da mulher e da grosseria dos sogros, no próprio dia do seu casamento, antevendo a vida humilhante que vai passar, tem ainda ânimo para se «extasiar também ele ante o panorama» que se estendia a seus olhos dum segundo andar da Avenida Duque de Loulé...

Aquilino Ribeiro provou ainda há pouco tempo com o *S. Banaboião*, quando alguns livros anteriores (dos quais exceptuo *Aventura Maravilhosa* que não li ainda) anunciavam um decréscimo das suas eminentes qualidades, que lhe era possível renovar-se, depurar o seu estilo e a sua imaginação, criar livros à altura daqueles que, até *A Batalha sem fim*, se sucederam quasi pródigamente. Talvez que duma tentativa de renovação se trate também agora. Mas, a-pesar-de se dizer convencido que crê *Mónica* uma das suas melhores obras, deixemo-lo reconsiderar, aplicar-se as qualidades de auto-crítica sem as quais lhe teria sido impossível escrever tantos e tão belos livros. Espere-mos que este livro seja, na sua obra, apenas um parêntesis.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

sol nascente

"O Diabo"

Grande semanário de literatura e crítica.

Publica em todos os números: Ensaio, literatura de ficção, páginas de antologia, movimento de ideias, cultura científica, economia; crítica de livros, teatro, artes plásticas, cinema, rádio e desportos; Revista das revistas, revista de livros, «Coisas de...»
«O Diabo», etc.